



De Mulher a Motorista¹

Maria Eduarda Tavares de Lyra MENEZES²
Moema Samara Gomes FRANÇA³
Raldianny Pereira dos SANTOS⁴

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Este artigo explica o processo de produção do radiodocumentário “De Mulher a Motorista”, desenvolvido durante a disciplina de Radiojornalismo, ministrada pela professora Raldianny Pereira dos Santos, do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco. A proposta da reportagem é demonstrar, através de entrevistas e coleta de dados, a rotina de uma mulher que trabalha como motorista de ônibus em Recife (PE), explorando a sua percepção a respeito da discriminação de gênero que sofre no ambiente de trabalho e analisando a desvalorização da profissão de motorista como um todo. Através de entrevistas com sindicatos, pesquisadores e ativistas feministas, o radiodocumentário investiga as causas da ausência de mulheres no cargo de motorista, ao mesmo tempo em que a maioria dos usuários do transporte são do gênero feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Discriminação de gênero; Mulheres motoristas de ônibus; Profissão e status social; Radiodocumentário; Representatividade feminina no mercado de trabalho.

1 INTRODUÇÃO

Dois milhões é o número de pessoas que utilizam todos os dias os ônibus da Região Metropolitana do Recife. São 3,3 mil veículos, o que totaliza, aproximadamente, sete mil motoristas. As mulheres, que representam a maioria dos usuários do transporte público, somam apenas 2% na profissão de motorista de ônibus. O número é tão baixo que muitos recifenses sequer já pegaram um ônibus cuja motorista era mulher. No cotidiano, o desrespeito direcionado aos motoristas de ônibus pode se agravar quando o cargo é exercido por uma profissional do gênero feminino. Situações em que passageiros decidem descer do

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário Jornalístico e Grande Reportagem em Áudio e Rádio.

² Aluno líder do grupo e concluinte do curso de Jornalismo, email: eduarda.tavares.menezes@gmail.com.

³ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: moemafranca@outlook.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, email: raldianny@gmail.com.

Também são autoras do radiodocumentário De Mulher a Motorista as estudantes Carla Moreira (moreira.carla9@gmail.com) e Gabriella Autran (gabriellaautranlopes@gmail.com).

ônibus ao verem que uma mulher está conduzindo o veículo representam apenas um dentre os vários episódios de discriminação de gênero no mercado de trabalho destas profissionais. O radiodocumentário “De Mulher a Motorista” se dedica a explorar, entre os muitos exemplos que existem, como ocorre a discriminação de gênero sofrido pelas mulheres ao exercerem uma profissão estigmatizada como masculina.

“A mentalidade patriarcal conferia à mulher a qualidade de frágil e inapropriada para realizar certas atividades comuns aos homens. A revolução industrial foi, como para toda a história humana, um marco para o trabalho feminino. Até então, as atividades desempenhadas pelas mulheres eram consideradas de menor relevo (apesar de essenciais para a comunidade). Porém, com os novos fatores introduzidos pela industrialização, a força de trabalho de ambos os sexos foi afetada. A mulher, antes considerada mais fraca para o trabalho braçal, poderia contar com instrumentos que fariam a produção depender menos de força física.” (MAIOR, 2008, p. 354)

Visto que as reportagens veiculadas na mídia corporativa pouco tangem o assunto da presença feminina em cargos que são majoritariamente ocupados por homens, ainda mais se esses cargos são historicamente desvalorizados independente da questão de gênero, o projeto se dispõe de investigar as representações destas mulheres: como elas se enxergam enquanto motoristas? Elas acham que sofrem preconceito? O discurso dessas mulheres transparece que elas sofrem discriminação ou é algo velado? Por qual motivo é tão difícil percorrer o caminho até se tornar uma profissional motorista de ônibus? E, finalmente, por que as mulheres que conseguem se estabelecer enquanto motorista de ônibus enxergam o emprego como uma vitória e não como um direito?

É comum que, muitas vezes, a mensagem transmitida pela motorista seja de que na empresa em que trabalha não exista preconceito, mas as marcas da discriminação ficam impregnadas dentro do discurso dela conforme avançamos nas entrevistas, como se não houvesse, de fato, um reconhecimento da situação. Para ajudar o ouvinte a entender que a discriminação é real, expomos as dificuldades impostas à mulher pelas empresas de ônibus e pelas escolas

de direção no momento de tirar a carteira de motorista D ou E, próprias para dirigir veículos de grande porte.

O nome do projeto reflete a principal proposta da reportagem, que é traçar o caminho, muitas vezes de discriminação e dificuldades, que leva a mulher a entrar no mercado de trabalho e se firmar enquanto motorista de ônibus. Neste aspecto, procuramos destacar a fala da mulher, colocando em segundo plano as opiniões de outras fontes que pertencem a um lugar de fala diferente. Afinal, apenas quem está na posição sujeita à discriminação de gênero é a própria mulher, e reconhecemos que somente ela tem legitimidade de dizer como se sente.

2 OBJETIVO

Geral

Provocar uma reflexão a respeito do preconceito e da discriminação de gênero no mercado de trabalho, abordando a percepção que as mulheres motoristas de ônibus têm de si mesmas dentro da profissão.

Específicos

- Dar visibilidade à discriminação de gênero que ocorre com mulheres no mercado de trabalho, tendo como foco as mulheres que são motoristas de ônibus.
- Colocar em debate os papéis de gênero impostos pela sociedade e suas consequências através de relatos das profissionais que ocupam funções estigmatizadas como masculinas.
- Explicar como o mito de que a mulher seria um ser biologicamente mais frágil do que o homem reforça a discriminação e representa um exemplo de opressão no mercado de trabalho.
- Falar da importância do empoderamento feminino e da necessidade de quebrar paradigmas para se inserir no mercado de trabalho.

3 JUSTIFICATIVA

No que concerne aos direitos das mulheres, é perceptível que, ao menos no Brasil, algumas conquistas importantes têm sido feitas. Outras mudanças, no entanto, ainda precisam acontecer para que haja uma maior igualdade de gênero na sociedade. Socialmente, podemos observar que, para os homens, o carro é um símbolo do poder masculino e de autoafirmação no espaço público. A partir do momento em que as mulheres descobrem que esse espaço também pode ser delas, há a quebra de estereótipos e das relações convencionais de poder, e o caminho entre mulher e motorista torna-se mais compensador.

É preciso apontar que a discriminação sofrida pelas mulheres que tentam quebrar paradigmas e antigos papéis impostos ao gênero é muito forte e tem influência do patriarcalismo. Conceito apresentado por Freyre (1936), o patriarcalismo tem origem na família patriarcal, composta por um grande número de filhos, agregados, parentes e escravos, que eram subordinados à figura do pai, que era o marido, chefe, patriarca e provedor de todos. Não é à toa que uma expressiva parcela da sociedade ainda tenha seus pensamentos e valores baseados na histórica subordinação da mulher ao homem, pois o modelo de família patriarcal continua presente, mesmo que em constante mudança.

É interessante apontar que a divisão de cargos e funções tidas como masculinas ou femininas se sustenta em uma forma de opressão mais ampla, visto que a divisão sexual do trabalho não cria, sozinha, a subordinação e a desigualdade das mulheres no mercado de trabalho, mas recria uma subordinação que existe também nas outras esferas do social (Brito e Oliveira, 1998).

“Portanto a divisão sexual do trabalho está inserida na divisão sexual da sociedade com uma evidente articulação entre trabalho de produção e reprodução. E a explicação pelo biológico legitima esta articulação. O mundo da casa, o mundo privado é seu lugar por excelência na sociedade e a entrada

na esfera pública, seja através do trabalho ou de outro tipo de prática social e política, será marcada por este conjunto de representações do feminino.” (Brito e Oliveira, 1998, p.252).

Portanto, o radiodocumentário “De Mulher a Motorista” se propõe a refletir, mesmo que de maneira sucinta, sobre o contexto de discriminação que as mulheres estão inseridas a partir do momento em que escolher seguir uma profissão que, tradicionalmente, seria “de homem”. No cenário jornalístico corporativo, são poucas as produções que procuram investigar sociologicamente a origem dessa discriminação. Mesmo não analisando a questão profundamente, a reportagem assume que existem outros fatores de desvalorização da profissão, pois, apesar de o número de mulheres no cargo ser pequeno, esse fato deve-se não somente à desigualdade de gênero. A profissão, por si só, é pouco valorizada socialmente e quando uma mulher opta por seguir a carreira, além da discriminação por gênero, ela se depara com esta outra barreira social.

Outros pontos tocados pela reportagem são as dificuldades colocadas pelas empresas de ônibus que negam mulheres como motoristas por falta de um alojamento adequado e por causa das características biológicas femininas, como a gravidez e a menstruação. Segundo o representante do sindicato, essas características seriam obstáculos para mulheres e fariam com que as empresas evitassem contratá-las, algo que tentamos desconstruir ao longo da reportagem. O formato de radiodocumentário também é um elemento importante na difusão do conteúdo da reportagem, pois é acessível ao público que enfrenta o trânsito diariamente. É importante ressaltar que o produto também é simpático à causa das mulheres transgênero no mercado de trabalho. Este assunto, porém, não entrou em nenhum dos blocos da reportagem por causa da necessidade de limitar a temática em função da duração do programa.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O principal dispositivo utilizado do radiodocumentário foi a entrevista, sempre guiada por pelo menos uma das estudantes. Os depoimentos são da motorista Gilvanusa Alves e outras pessoas que pudessem falar sobre a rotina das profissionais ou discutir sobre a discriminação que elas podem vivenciar. Assim, a produção se preocupou em ouvir fontes de quatro origens: a mulher motorista, os representantes dos dois sindicatos dos motoristas da região, ativistas feministas e pesquisadores. Preferimos colocar a mulher motorista em evidência e com mais destaque por acreditar que o protagonismo do radiodocumentário pertence a ela. Acreditamos que ouvir a história de apenas uma motorista, Gilvanusa Alves, faz com que possamos entrar em mais detalhes nos relatos dela e criar uma maior empatia com os ouvintes, através da representatividade que ela ganha, pois enquanto ela fala, outras mulheres se reconhecem naquele papel. Os pesquisadores e representantes dos sindicatos dos rodoviários têm um espaço de fala menor e resumido a complementar pontos defendidos na narração.

Durante a fase de produção da reportagem, procuramos por representantes mulheres dentro do Sindicato dos Rodoviários do Recife e Região Metropolitana e do sindicato Oposição Rodoviários Pernambuco, mas fomos informadas de que só havia homens nos cargos da diretoria das organizações - o que, por si só, é sintomático. Tivemos o cuidado de ouvir a motorista dentro do ambiente de trabalho, algumas vezes durante intervalo da jornada de trabalho. Com os passageiros do transporte público, o esquema foi semelhante: as entrevistas eram feitas nos terminais de ônibus.

Para situar os ouvintes no ambiente de trabalho das motoristas, fizemos captação de som direto do barulho das ruas e do andar do ônibus, o som ambiente comum para quem utiliza o transporte público. Na pré-produção, foram feitas pesquisas online à procura de reportagens que discutiam a temática com caráter sociológico, mas pouco foi encontrado. Houve contato com as assessorias das empresas de ônibus para apurar a quantidade de



motoristas na Região Metropolitana e a quantidade de mulheres dentro desse número. Também foi

Já na parte de técnica vocal para gravar a narração, feito pelas estudantes Carla Moreira, Maria Eduarda Tavares e Moema França, houve acompanhamento do técnico de som Thiago Sabino e da professora Raldianny Pereira durante a preparação da voz. Procurou-se trabalhar a entonação em palavras específicas para enfatizar o sentido, como nas palavras “feminino” e “masculino”. Um ponto que garantiu a unidade discursiva do radiodocumentário se deu durante a montagem do produto, porque foi feita em conjunto pelas estudantes e rendeu diversas discussões sobre qual era a maneira ideal de abordar o tema sem ficar confuso para os ouvintes. A edição do material bruto, feita no Laboratório de Imagem e Som da UFPE (LIS), foi acompanhada de perto pelo grupo e contou com as sugestões da estudante e monitora da disciplina Lorena Xavier Aquino e do técnico de som Thiago Sabino.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para contemplar diferentes aspectos do tema abordado, o radiodocumentário foi dividido em três blocos, com duração média de cinco minutos, cada. Desde o primeiro bloco, acompanhamos a trajetória de Gilvanusa Alves, motorista de ônibus há 11 anos na Região Metropolitana do Recife. Deste modo, os três blocos percorrem, de maneira didática, a história da motorista e outras personagens, apontando reflexos da discriminação de gênero na relação trabalhista.

O som direto foi feito através da captação de áudio dos gravadores dos celulares das estudantes (Iphone, Samsung), enquanto a narração foi gravada no estúdio do LIS, com edição do técnico de som Thiago Sabino, que utilizou o programa Nuendo Range, e com trilha sonora composta por Heitor de Carvalho. A produção do radiodocumentário, assim como a realização das entrevistas, apuração de dados, criação do roteiro, elaboração de textos para narração, cortes e transcrição das sonoras foi dividida entre as estudantes.

O primeiro bloco traz o contexto da personagem principal e o relato das experiências vividas por ela no local de trabalho [Figuras 1 e 2]

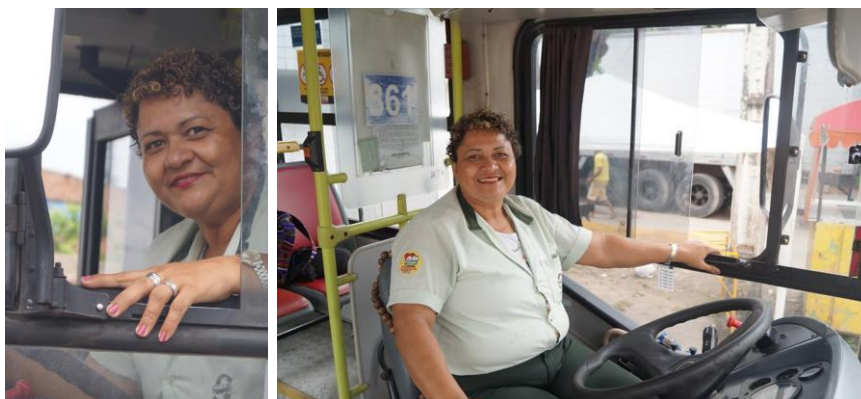


Figura 1 – Gilvanusa Alves, motorista de ônibus, é entrevistada no local de trabalho

Neste bloco, Gilvanusa conta da discriminação que vivencia em sua rotina de trabalho, introduzindo a problemática do preconceito ao ouvinte. O grupo optou por ter apenas Gilvanusa como personagem principal pois sua história representa a de muitas outras mulheres que sofrem discriminação ao quebrar paradigmas. Além da entrevista com a motorista, também ouvimos Aldo Lima, líder da Oposição Rodoviária de Pernambuco, que explica como a contratação de profissionais mulheres neste mercado ainda é pouco expressiva e como as empresas podem adotar critérios discriminatórios em seus processos de admissão de funcionários.

O segundo bloco tem início com os depoimentos de passageiros do transporte público do Recife, que conversaram com a equipe de reportagem após terem andado um veículo conduzido por mulher. Questionados a respeito do desempenho das motoristas, todos expressam satisfação, porém justificam seus elogios com argumentos baseados no mito de que a mulher é um ser frágil e delicado, logo seria mais cuidadosa com a direção. Para contrapor este pensamento e buscar a raiz dele, Patrícia Chaves, diretora da ONG Espaço Feminista do Nordeste, explica como o imaginário social contém mitos que subjagam a mulher em seu ambiente de trabalho.

A pesquisadora reforça que as diferenças entre homens e mulheres existem, mas que elas não podem ser motivo de discriminação no mercado de trabalho. Em seu discurso, Patrícia aborda a desconstrução do pensamento que atribui o espaço da casa como um ambiente naturalmente da mulher, enquanto o espaço público seria predominantemente do homem. Para fechar a linha de raciocínio, trazemos dados de uma pesquisa do Departamento Estadual de Trânsito de Pernambuco (Detran/PE) a respeito do número de infrações de trânsito ocasionadas por homens e mulheres.

O terceiro e último bloco traz o questionamento: “Se Gilvanusa fosse um homem, a sua profissão seria valorizada pela sociedade?”. Nesta parte do trabalho, além de debater as dificuldades enfrentadas pelas mulheres ao ocuparem cargos estigmatizados como masculinos, também é levada em consideração a desvalorização da classe de motorista de ônibus como um todo. Em um setor de pouco prestígio social, a categoria sofre pelas más condições de trabalho e de remuneração, além de problemas de saúde causados pelo estresse no trânsito e carga horária pesada.

Através de entrevistas com o professor Heraldo Souto Maior da pós-graduação em sociologia da UFPE, e o professor de antropologia Russell Parry Scott, também da UFPE, são explicados os fatores que ocasionam esta classificação das funções como mais ou menos valorizadas e como isso se relaciona com a falsa ideia de que existem profissões “mais adequadas” para homens ou para mulheres. Já Felipe Nogueira, responsável pelo setor de recursos humanos da empresa de ônibus Caxangá, afirma existir mercado para as mulheres motoristas, mas que elas ainda são minoria na área. Para o professor Scott, estas mulheres que ocupam funções tidas como masculinas estão colaborando para, gradativamente, diminuir o preconceito e a discriminação de gênero.

O terceiro bloco finaliza o radiodocumentário, concluindo que o preconceito e a discriminação ainda são muito frequentes na rotina das mulheres e que, por conta disso, é



preciso que elas reconheçam este preconceito, se empoderando diante dele, para que possam quebrar o ciclo de discriminação que permeia toda a sociedade patriarcal.

6 CONSIDERAÇÕES

Dentro do cargo de motorista de ônibus no transporte coletivo, as mulheres precisam enfrentar uma dificuldade dupla: transcender a discriminação de gênero e ultrapassar as dificuldades sociais inerente à profissão. O radiodocumentário “De Mulher a Motorista” é um espaço de proposta em que a mulher pode encontrar a representatividade que precisa para se empoderar diante da desvalorização. Mesmo sendo de curta duração, a proposta da reportagem tem um caráter social que se assemelha à militância feminista, no sentido de discutir uma problemática e apresentar uma solução que, neste caso, é a luta das mulheres por oportunidades iguais de trabalho.

O atraso na igualdade de gênero traz inúmeras consequências negativas, impossibilitando a mulher de ascender economicamente e intelectualmente. Logo, é de extrema importância a existência de produtos midiáticos e de entretenimento que impulsionem as mulheres para longe da submissão e as estimulem a ocupar cargos que outrora eram considerados exclusivamente masculinos. E uma das maneiras de realizar este estímulo é através da representatividade, tema bastante estimado pelo radiodocumentário. Afinal, é preciso que mulheres tenham quebrado paradigmas para que outras percebam que o mundo pode, sim, ser ocupado por elas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRITO, J. e OLIVEIRA, O. **Divisão Sexual do Trabalho e Desigualdade nos Espaços de Trabalho**. Rio de Janeiro: Ed. Te Corá, 1997.
- FREYRE, G. **Sobrados e Mocambos**. São Paulo: Ed. Nacional, 1936.
- MAIOR, J. L. S. **Curso de Direito do Trabalho: A relação de emprego**. São Paulo: Ed. LTR, 2008.